

Lula e Flávio se enfrentam pela primeira vez no debate da Band e oferecem pouco ao eleitorado. Presidente quase todo o tempo defendeu seu legado, enquanto senador tentou vender-se como novidade e foi desafiado a abrir os sigilos

Ataques, provocações e ausência de propostas

» FERNANDA STRICKLAND
» VICTOR CORREIA

No primeiro confronto direto nesta eleição, Luiz Inácio Lula da Silva e Flávio Bolsonaro protagonizaram, no debate de ontem, na Band, uma disputa agressiva, marcada por trocas de acusações, ironias, pobreza de propostas e promessas que parecem pouco factíveis. Naquilo que interessa ao eleitor, o presidente durante a maior parte do tempo defendeu seus governos e não apresentou planos para um eventual quarto mandato. O senador, por sua vez, sempre enfatizando que representa a novidade, prometeu mudanças e medidas ousadas — mas sem dar uma única indicação de como fará para implementá-las.

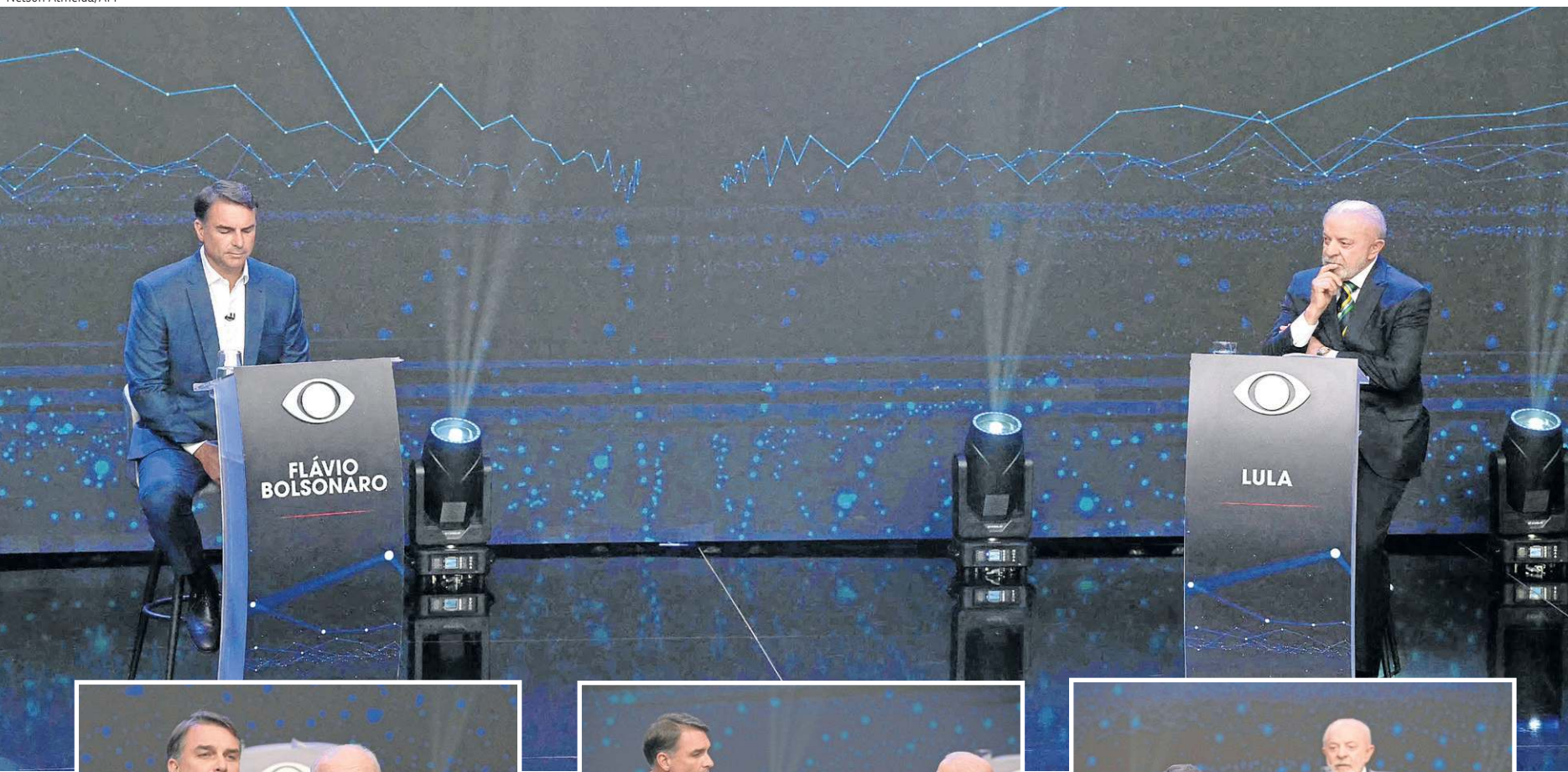
Do saldo final de um confronto agressivo e tenso, o que ficou foi o desafio feito por Lula a Flávio, próximo do fim do debate: cobrou que abrissem os sigilos e os expusessem ao eleitorado. O senador desconversou.

Mas, no começo, a impressão era de que Flávio estava mais bem preparado do que Lula. Apresentou-se dando boa a noite a todos — inclusive ao adversário ali presente — e fez uma explanação contida e bem medida. No momento de Lula, entrou direto no assunto sem sequer se dirigir ao oponente e aos moderadores, os jornalistas Adriana Araújo e Eduardo Oinague, o que transpareceu nervosismo e ansiedade.

Segurança pública foi o primeiro tema. Flávio prometeu endurecer o combate ao crime organizado e acusou o atual governo de “passar a mão na cabeça” de criminosos. “Vou declarar guerra ao narcoterrorismo”, afirmou. Voltou a dizer que vai classificar o Primeiro Comando da Capital (PCC), o Comando Vermelho (CV) e as milícias como organizações narcoterroristas, e falou em abrir mais 500 mil vagas no sistema penitenciário. Lula, por sua vez, defendeu a proposta de emenda à Constituição (PEC) da Segurança como forma de ampliar a cooperação com estados e municípios, e disse que criará o Ministério da Segurança Pública se a medida for aprovada no Congresso. Argumentou, ainda, que fez mais pela segurança do que gestões anteriores.

Mas, no confronto direto, em que cada um teve 15 minutos para perguntar e comentar o que o outro retrucava, é que o clima esquentou. Apesar de ter sido escorregadio e evitado responder diretamente às perguntas, Flávio conseguiu colocar Lula na defensiva quando

Nelson Almeida/AFP



Lula e Flávio protagonizaram um confronto agressivo, rico em provocações, mas paupérrimo em propostas e projeções para o futuro — que é o que interessa ao eleitor

perguntou das relações entre a lobista Roberta Luchsinger com Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha (na noite de sábado, a CNN apresentou uma entrevista com ela, em que fez graves acusações ao presidente e disse até mesmo que pensava em fazer uma delação premiada). Lula não conteve a irritação, mas disse que tratava-se de “um caso da Polícia Federal.” O senador insistiu no tema e disse que o filho do presidente estava foragido no exterior. Como resposta, Lula disse que a PF deveria investigar quem quer que fosse, inclusive Lulinha.

O presidente cobrou Flávio sobre seu voto contrário à ampliação da licença-maternidade para servidores, quando era deputado estadual no Rio. O senador se esquivou e insistiu que Lula respondesse sobre a lobista — que martelou tratar-se de uma questão da PF.

Na sequência, Lula cobrou explicações de Flávio sobre os R\$ 134 milhões pedidos ao banqueiro

Daniel Vercaro para financiar o filme *Dark Horse* sobre o ex-presidente Jair Bolsonaro. Flávio, novamente sem responder, acusou o presidente de ter discutido, em uma reunião reservada com integrantes do governo, formas de ajudar o dono do Banco Master. De forma irônica afirmou, ainda, que o longa-metragem contava uma bela história e que convidaria o presidente assim que entrasse no circuito comercial de exibição.

Lula também questionou Flávio sobre a intenção de adotar o modelo econômico do presidente argentino Javier Milei — e o senador, novamente, saiu pela tangente. O candidato do PL reagiu enumerando as relações de Lula com ditadores latino-americanos, como Daniel Ortega, da Nicarágua, e Nicolás Maduro, da Venezuela, hoje preso nos Estados Unidos. O senador ainda insistiu em um áudio, que foi publicado pela revista *Veja* e sobre o qual

pesam suspeitas de que seja forjado, de que Vercaro teria repassado R\$ 30 milhões “por fora” ao Instituto Lula. O presidente não caiu na provocação e rebateu cobrando transparência sobre as contas relacionadas ao *Dark Horse*.

Prosperidade

Ao apresentar suas propostas, Flávio disse que, se eleito, vai criar o Ministério da Prosperidade — mas não explicou o que a pasta administrará. Garantiu que comprará as dívidas dos brasileiros e congelará os pagamentos por seis meses, para pessoas físicas, e um ano, para empresas, em contraponto ao Desenrola, do atual governo. Não disse, porém, como isso pode ser feito, uma vez que tal abono significa abrir mão de arrecadação. Afirmou, também, contar com uma queda rápida da taxa de juro se chegar ao Palácio do Planalto.

O senador também anunciou o

ex-presidente do Hospital Israelita Albert Einstein Cláudio Lottenberg seu o escolhido para o Ministério da Saúde, se eleito. Flávio prometeu levar ao Sistema Único de Saúde (SUS) o padrão de atendimento da rede privada. “Quero colocar o padrão Einstein no SUS”, afirmou. Lula aproveitou a deixa ao questionar o adversário se pretendia privatizar o SUS. O presidente também contestou a experiência de Flávio na área, dizendo acreditar que o adversário nunca foi a uma Unidade de Pronto Atendimento.

No fim do debate, Lula questionou se Flávio pretende entregar as terras raras e os minerais críticos brasileiros aos Estados Unidos, considerando a proximidade que o senador tem com o governo Trump. Sem responder, o senador citou o tratado de livre comércio entre o Brasil e os Estados Unidos, assinado em 2000, e acusou o presidente de não defender as empresas brasileiras. O petista, por sua vez, acusou a família Bolsonaro de se subordinar aos interesses norte-americanos

— e lembrou que o ex-deputado Eduardo Bolsonaro vem trabalhando, nos EUA, contra o Brasil.

O debate chegou ao fim com a tensão no auge. Quando Lula se preparava para arrematar sua participação nas considerações finais, uma gritaria explodiu na audiência. Os moderadores tiveram imensa dificuldade em acalmar a situação. A jornalista Adriana Araújo solicitou, várias vezes, que Flávio se mantivesse no púlpito a ele destinado. Eduardo Oinague, num tom de voz mais alto do que o habitual, exigia que a plateia se calasse. De pouco adiantou.

O encerramento, inclusive, ocorreu sob gritos e jingles eleitorais dos dois candidatos. Marcando a tensão, a Polícia Militar de São Paulo foi acionada após o debate para investigar uma suspeita de bomba próxima ao local — mas, até o fechamento desta edição, não havia confirmação sobre a existência do artefato.

Uma peça teatral de ataques

» DENISE ROTHENBURG

O confronto entre Lula e Flávio Bolsonaro arrisca passar para a história como o debate de mais ataques na história do Brasil pós-redemocratização. Talvez empate apenas com aquele de 1989, entre Lula e Fernando Collor. Para um estreado nesse tipo de confronto, o senador se mostrou tão à vontade, mas, em determinados momentos, surfou na ironia e na agressividade, superando o pai, Jair Bolsonaro, no debate da Globo, em 2022. A teatralidade em algumas respostas mostrou um concorrente que estudou cada gesto no palco, até

mesmo quando a palavra estava com o adversário. Quando o petista falava, Flávio circulava com expressões faciais e gestos atrás do presidente. Isso rendeu ao senador uma descompostura da mediadora Adriana Araújo.

Flávio começou o debate com uma segurança impecável, num tema que ele nada de braçada: a violência nas cidades brasileiras, a segurança pública, objeto da pergunta dos mediadores. Porém, a postura de discorrer sobre propostas de forma mais natural e menos agressiva foi se perdendo no passar dos minutos. Logo no primeiro bloco, colocou na roda o caso Roberta Luchsinger e as

ligações dela com Lulinha.

Lula esperava essa pergunta. Foi direto ao responder que quem vai cuidar disso é a Polícia Federal. Flávio ficou insistindo e o presidente, mais uma vez, defendeu o filho, dizendo acreditar que ele seja inocente. Porém, ressaltou que a PF é quem vai investigar e que ele não trocará ninguém para impedir que seja investigado. mencionou, inclusive, o episódio de uma reunião ministerial do governo Bolsonaro em que o então presidente disse que não iria esperar prejudicar sua família para trocar a cúpula da corporação.

Ao mesmo tempo em que cobrava Lula pelo caso da lobista amiga de Lulinha, Flávio adotou a máxima

de que “a melhor defesa é o ataque.” Assim, esquivou-se de responder de forma incisiva as perguntas feitas pelo presidente na seara das denúncias e atitudes que podem lhe tirar votos. Não respondeu por que defendeu um policial acusado de assassinar uma menina de cinco anos. E não justificou por que queria tirar a marcação das cápsulas de munições das forças de segurança.

Depois do início do segundo bloco, em que Flávio levou uma inversão da mediadora por causa dos gestos que fazia atrás de Lula, viu-se obrigado a baixar o tom. Em sua campanha, havia o receio de que os ataques passassem agressividade ou arrogância

e acabassem transformando o adversário em vítima — haja vista o que ocorreu, em 1998, no Distrito Federal, no debate entre Cristovam Buarque e Joaquim Roriz, que saiu como vítima e venceu a eleição.

No terceiro bloco, o clima voltou a esquentar, quando, na hora em que Lula estava falando, Flávio ficou atrás gesticulando numa atitude que foi considerada desrespeitosa. Lula recebeu direito de recomeçar sua fala e usar dois minutos. Em seguida, quando chegou a vez de Flávio falar, a parte da plateia petista se manifestou e ele parou, pedindo que os mediadores intervissem. Não ganhou os dois minutos.

Ambos, porém, saíram com cortes para as redes sociais. Lula chegou a se confundir na fala final, ao mencionar que “o Brasil acabou”, um presente para o candidato do PL. Flávio viu-se obrigado a dizer que o governo do seu pai deixou a desejar na área da saúde, algo que o PT irá explorar.

A dúvida das campanhas é se o desempenho de cada um nos debates será suficiente para capturar os eleitores indecisos. Dados os ataques mútuos, as apostas de muitos atentos observadores é de que é bem capaz de que o debate leve a aumentar o número daqueles que não sabem em quem votarão.